

mo interpretativo e jornalismo opinativo. Marques de Melo reduz o quadro para duas: jornalismo informativo e jornalismo opinativo.

São dois os critérios que permitem este agrupamento: um critério de intencionalidade e um critério de articulação da estrutura do relato. Toma-se em "consideração a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua estrutura jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura)."

No capítulo dedicado ao exame dos mecanismos da expressão opinativa, tem-se um enfoque da "direção ideológica", "linha editorial", "filtros" "conotação jornalística de títulos e manchetes", ou seja, um quadro abrangente das principais linhas de força que permeiam a produção do jornalismo, como parte da indústria cultural.

Fiel ao princípio da reflexão inicial, onde os gêneros são contextualizados geograficamente, a última parte da obra tem como título "Gêneros opinativos, identidades brasileiras". Um parâmetro entre o exercício de certos gêneros e aspectos locais é empreendido, como se observa: "É singular o caso das nossas colunas, que funcionam como núcleos de poder, assumindo dimensões só comparáveis ao fenômeno do 'coronelismo', remanescente socio-cultural da carcomida estrutura fundiária brasileira".

É portanto contextual a abordagem que a escritura da obra propõe ao público leitor, o que extrapola seu nível especializado, já que os gêneros examinados em contexto permitem maior compreensão das características intrínsecas de cada um deles. Ao lado desta abordagem, cumpre assinalar a vasta bibliografia arrolada, em nível nacional e internacional, e a presença de um pensamento lúcido que não ignora dentro de seu questionamento que a profissão de jornalista é dotada de significação social e política.

O livro de José Marques de Melo age num território que tem necessidade de padronizar seus códigos e se firmar cada vez mais como ciência autônoma. O jornalismo, através de obras

como *A opinião no jornalismo brasileiro*, encontra cada dia mais sua própria face e consolida sua identidade no campo do conhecimento.

Glória Kreinz
Universidade de São Paulo

"Best-seller" legitimado?

SODRÉ, Muniz, "*Best-seller*": *literatura de mercado*, Ática, São Paulo, 1985, 79 pp.

Não é sem razão que Muniz Sodré observa ser muito restrito o material teórico disponível sobre o assunto "best-seller". Com exceções (cada vez menos raras, atualmente), a crítica universitária o tem encarado como obra que ocupa muito espaço na livraria e pouco na história. Se isso é verdade no que se refere a obras individuais, esse tipo de narrativa, desde que o gênio mercantil de Émile de Girardin concebeu seu pejorado antepassado folhetim, tem demonstrado um fôlego de fazer inveja às mais consagradas obras de arte.

Por isso, o aparecimento de "*Best-seller*": *literatura de mercado*, obra abrangente, bem-estruturada e isenta de preconceitos, é muito oportuno.

O leitor informado, deparando-se com a equivalência: "literatura de mercado", pode, a princípio, imaginar que encontrará no livro apenas as insofismáveis mas, mesmo assim, simplificadoras definições divulgadas pela miopia daqueles que tudo atribuem aos efeitos da ação capitalista sobre a cultura. Tendo sempre em conta esse referencial básico, o autor contrapõe-lhe, porém, a permanência do mito heróico — eterna fonte de projeções afetivo-culturais — demonstrando que o "best-seller", de uma forma ou de outra, corresponde às mais arraigadas necessidades do imaginário social.

O texto parte da distinção entre literatura culta e literatura de massa, dispensando maiúsculas e mapeando as condições — de produção, de recepção, de juízos — sobre as quais cada

uma se instala, o que incita a compreender o contexto específico das diferentes classes culturais. Ao longo dos capítulos seguintes, situa essa protéiforme produção dentro das diferenças de história e de veículo: do folhetim do jornal à telenovela; monta uma classificação dos vários gêneros (sub?): policial, de terror, de aventuras, sentimental, ficção científica; destaca os aspectos mítico, informativo e pedagógico como constantes estruturais comuns a todos eles; aponta traços de sua estética e ideologia.

Toda essa gama de informações, porém, não atenta muito para a realidade brasileira, a não ser, obviamente, quando incide sobre a telenovela. Se na Inglaterra, berço da revolução industrial e, conseqüentemente, da cultural, a maioria da população só se tornou leitora de livros na segunda metade do século XX, quando ocorrerá no Brasil a expansão quantitativa da leitura já que a tríade: alfabetização, escolaridade, poder aquisitivo mal se implantou na formação do hábito de leitura do brasileiro urbano?

A lamentar ainda que Muniz Sodré não se detenha mais sobre a "antropologia do cotidiano das grandes cidades" a que remete no capítulo final, especialmente se se considera o fato de que a dinâmica cultural, em cidades brasileiras, é extremamente complexa, havendo fecunda articulação entre expressões da cultura popular, da literatura culta e da indústria cultural.

Mas, isso já seria pedir outro livro, inadequado, talvez, aos requisitos de uma série editorial denominada "Princípios". Estes estão preenchidos. Ao leitor especializado, permite uma visão totalizadora dos principais problemas suscitados pelo envolvente fenômeno literário. Ao leigo, uma ótima introdução a eles. Além disso, instiga todos a não usarem levemente rótulos do tipo: "escapismo", "alienação", "lixo cultural", sem antes ponderar sobre a simetria existente entre a sintaxe da narrativa "best-seller" e a sintaxe ideológica que ordena o mundo ocidental.

Maria Elena Ortega Ortiz Assumpção
Universidade de São Paulo

Telenovela x Literatura

CAMPEDELLI, Samira Youssef,
A telenovela, Ática, São Paulo,
1985, 96 pp.

Quem está interessado no fenômeno da telenovela deverá estar atento à preocupação da autora. Ela estudou a telenovela sob o enfoque do romance-folhetim do século XIX. Nisto está o mérito do estudo e, como tal, sua contribuição.

Enquanto conceito, a palavra novela não corresponderia à palavra equivalente de outras línguas, e o correto seria chamá-la de folhetim. Enquanto estrutura, a novela caracteriza-se pelo tipo de ficção de roda-pé em jornais franceses após 1830.

O "foletim eletrônico", entretanto, tem características próprias: os acontecimentos paralelos originados pela multiplicidade de histórias (plots), e o "processo do enquanto", a manutenção do suspense, ao atender solicitações do público-espectador, até o capítulo final.

A autora procura uma caracterização da telenovela: folhetim melodramático, folhetim exótico, a telenovela alternativa que cria o clima psicológico, a telenovela chanchada e a novela-verdade.

Evidencia a estratégia da Rede Globo em relação à sua tendência de monopolização, que utiliza todos os recursos de marketing, desde a divisão de horários das telenovelas até a encarnação do bem e do mal na qual a telenovela não modernizou, conforme a autora ao fazer uma comparação com o teatro do século XIX.

Analisando o percurso das telenovelas de Janete Clair, evidencia em "O Astro" o funcionamento do folhetim, tomando elementos literários na construção de personagens como referência.

O livro faz parte da coleção "Série Princípios" lançada pela Ática, e como tal, de certo, há de obedecer a alguns critérios de editoração em relação ao público destinatário. Entre-